

GD's avaliam utilidade social de trabalhadores em regime livre

N. 2/7/83

por Albano Naroromele

A utilidade ou não, para a comunidade, de diversas actividades desenvolvidas por trabalhadores em regime livre na Cidade de Maputo, constitui uma questão que tem absorvido especial atenção das estruturas de base. Conforme apurou a nossa Reportagem, é decisiva a correcta análise da situação de elementos que trabalham em regime livre, uma vez que a continui-

Através de contactos com responsáveis de Grupos Dinamizadores e de outros membros de direcção das estruturas de base, a nossa Reportagem constatou que muitos destes trabalhadores estão a inscrever-se para obterem Cartão de Trabalho.

Para um melhor enquadramento daqueles indivíduos, as estruturas de base evitam precipitar-se no reconhecimento dos Cartões de Trabalho que afluem diariamente às sedes dos Grupos Dinamizadores desde que se conclua ser duvidosa a utilidade da actividade de alguns dos seus portadores.

Isto porque a continuidade de permanência de trabalhadores individuais nos Bairros da capital, depende das comunidades, porque só elas é que podem dizer se o trabalho de fulano é ou não é útil — afirmou Timóteo Jeremias Licoze, Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro Bagamoio.

Ele e vários interlocutores são ainda de opinião de que há necessidade de uma análise particular sobre a situação de determinados elementos que, embora não possam ser úteis, trabalhando individualmente, poderiam ser melhor aproveitados quando afectos a sectores produtivos da sua especialidade. E essa afectação pode não ser necessariamente na capital do País, existem distritos ou aldeias comunais onde um carpinteiro, ou pedreiro, que lá não existem, poderiam dar um contributo muito grande. Alguns desses trabalhadores estão no entanto nas cidades.

— Entre esses, conheço carpinteiros, sapateiros, pedreiros, ferreiros e outros que são verdadeiros mestres — disse António Gumende, responsá-

vel de Abastecimento no Bairro da Mafalala.

dade da sua permanência nos respectivos bairros depende fundamentalmente do reconhecimento da sua actividade como útil à sociedade onde se inserem, ou da possibilidade de virem a ser afectos a sectores produtivos para o seu melhor aproveitamento.

E OS «BISCATEIROS»?

Na análise das estruturas de base sobre a utilidade ou não de certas actividades de trabalhadores em re-

gime livre verifica-se a existência nos bairros de elementos que vivem exclusivamente à base do que é comumente conhecido por «biscateses».

Conforme apurámos, a actividade de muitos destes elementos não é, à partida, útil às comunidades onde se inserem, devido à irregularidade de acção, adulteração sistemática de preços, à prática de candominga, entre outros factores.

Dá-se-lhes, de acordo com o Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro Bagamoio, uma oportunidade de escolherem uma forma de serem mais úteis à sociedade.

Registámos um exemplo desta situação ainda no Bairro de Bagamoio. Em frente da sede do Grupo Dinamizador desta comunidade situa-se uma pequena barraca onde trabalham dois sapateiros: um patrão e um empregado, ambos jovens de 24 anos de idade. Um deles é de Gaza, foi mineiro na África do Sul, mas depois ficou em Maputo.

Os dois, entrevistados separadamente pela nossa Reportagem, revelaram que confeccionam ou consertam sapatos e sandálias, apenas dois dias por semana e durante algumas horas. O resto do tempo não fazemos nada precisou o patrão, Aurélio Mbenzane, que acrescentou que é por falta de material.

(Sabe-se que as estruturas ligadas à Indústria de Curtumes e Calçado, cancelaram a venda de cabedal e de outro material a sapateiros, cuja actividade não o justifique. Nesta

lista consta Aurélio Mbenzane que só pode adquirir retalhos de cabedal às Cooperativas de Sapateiros).

Trabalhando apenas dois dias por semana, patrão e empregado, estão em acção somente seis dias por mês. Tudo isso rende, segundo Aurélio Mbenzane, 4000,00 a 6000,00 MT mensalmente, com a venda de sandálias por 900,00 a 1000,00 MT cada par.

Com esta receita, disse o patrão, pago 2000,00 MT ao meu empregado por mês, e compro material para não deixar a sapataria ir à falência.

Mas o Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro Bagamoio, coloca as seguintes questões: o que é que os dois sapateiros fazem na maior parte dos dias em que não trabalham? Onde é que o patrão, depois de todas as despesas obrigatórias, encontra dinheiro para o seu sustento e o da família? Onde é que ele encontra boa parte de material que não há à venda no mercado legal?...



Aurélio Mbenzane — «O resto do tempo não fazemos nada...»



O Secretário do Grupo Dinamizador do Bairro Bagamoio, Timóteo Licoze, mostrando à nossa Reportagem a lista de trabalhadores em regime livre

vel de Abastecimento no Bairro da Mafalala.

Outra actividade reconhecida como útil — pelo menos citada em destaque pelos nossos interlocutores — é a dos «tchova xitaduma». Por dois motivos, de acordo com as declarações prestadas à nossa Reportagem: eles apareceram como resultado de um trabalho de mobilização que visava a resolução do problema de transportes a nível local.

Outro motivo é que eles já demonstraram que são capazes de ajudar alguém que tem dois sacos de cimento, por exemplo, para transportar de um lugar para outro. Mas entre eles também existem problemas, porque existem a mais em alguns locais, mas não existem noutros.